

Caminhos para a reforma do sistema prisional brasileiro

Resumo

TEXTO I

Debatedores defendem reforma do sistema penitenciário brasileiro

População carcerária aumentou 157% e isso não se refletiu em mais segurança para a população, diz pesquisadora

“O sistema penitenciário brasileiro precisa ter uma reforma urgente para garantir que o sistema não seja uma escola de vingança, e que possa ser transformado em um espaço de reparação de danos e punição e numa possibilidade concreta para que (as pessoas presas) possam ser recuperadas”, diz Carneiro Leão.

Direitos Humanos

Perito do Mecanismo Nacional de Prevenção e Combate à Tortura, José de Ribamar de Araújo e Silva, afirmou que o superencarceramento está acompanhado de uma forte seletividade penal e com ausência de controle dos órgãos de fiscalização. Além disso, ele destacou que o País não cumpre minimamente a legislação penal e desrespeita direitos humanos básicos dos presos.

Pena perpétua

A Coordenadora-Geral de Promoção e Cidadania do Departamento Penitenciário Nacional (Depen), Mara Fregapane, afirmou que o órgão, ligado ao Ministério da Justiça, afirma que é importante atuar em três frentes: a porta de entrada, de forma a pensar penas alternativas e novas formas de responsabilização que não sejam em unidades prisionais; a melhora dos serviços nas prisões, para dar mais dignidade aos presos; e nas portas de saída.

“Quando a gente fala que não tem pena perpétua, isso é mentira. As pessoas saem marcadas, como vão conseguir trabalho se as portas são fechadas? Precisamos pensar em uma política de referência e acompanhamento e proteção social para quem está saindo”, afirmou.

Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/543157-debatedores-defendem-reforma-do-sistema-penitenciario-brasileiro/>

TEXTO II

Menos de 1/5 dos presos trabalha no Brasil; 1 em cada 8 estuda

Levantamento exclusivo do G1 revela números de presos que exercem algum tipo de atividade laboral e que estudam no país. A superlotação e o percentual de presos provisórios é maior que um ano atrás. Déficit de vagas chega a quase 300 mil. GloboNews mostra situação nos presídios.

Menos de um em cada cinco presos (18,9%) trabalha hoje no país. O percentual de presos que estudam é ainda menor: 12,6%. É o que mostra um levantamento do G1 dentro do Monitor da Violência, uma parceria com o Núcleo de Estudos da Violência (NEV) da USP e com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Os dados, coletados junto aos governos dos 26 estados e do Distrito Federal, expõem uma das principais falhas no sistema penitenciário: a da ressocialização dos presos no Brasil.

Um ano após uma ligeira queda na superlotação, os presídios brasileiros voltaram a registrar um crescimento populacional sem que as novas vagas dessem conta desse contingente. O percentual de presos provisórios também voltou a crescer.

Levando em conta os 737.892 presos do sistema (incluindo os em regime aberto), 139.511 exercem algum tipo de atividade laboral. São 92.945 os que estudam.

Disponível em: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2019/04/26/menos-de-15-do-presos-trabalha-no-brasil-1-em-cada-8-estuda.shtml>

TEXTO III

5 FATOS SOBRE SISTEMA PRISIONAL NO BRASIL



AS PRISÕES BRASILEIRAS ESTÃO SUPERLOTADAS. HÁ QUASE O DOBRO DE PRESOS PARA O NÚMERO DE VAGAS DISPONÍVEIS.

PRENDE-SE MUITO ANTES DO JULGAMENTO: CERCA DE 40% DOS PRESOS BRASILEIROS AGUARDAM CONDENÇÃO...



... E PRENDE-SE MUITO POR POUCO: 31% DOS ENCARCERADOS FORAM PRESOS POR CRIMES SEM VIOLÊNCIA (FURTO E TRÁFICO).

HÁ POUCAS OPORTUNIDADES DE REABILITAÇÃO: APENAS 1 EM CADA 10 PARTICIPAM DE ATIVIDADES EDUCACIONAIS.





E O ESTADO NÃO GARANTE A SEGURANÇA NOS PRESÍDIOS: UM PRESO TEM TRÊS VEZES MAIS CHANCES DE MORRER DO QUE UMA PESSOA LIVRE.

NEM RESPEITA OS DIREITOS DAS MÃES: EM 2016, 1.111 CRIANÇAS VIVIAM EM PRESÍDIOS.



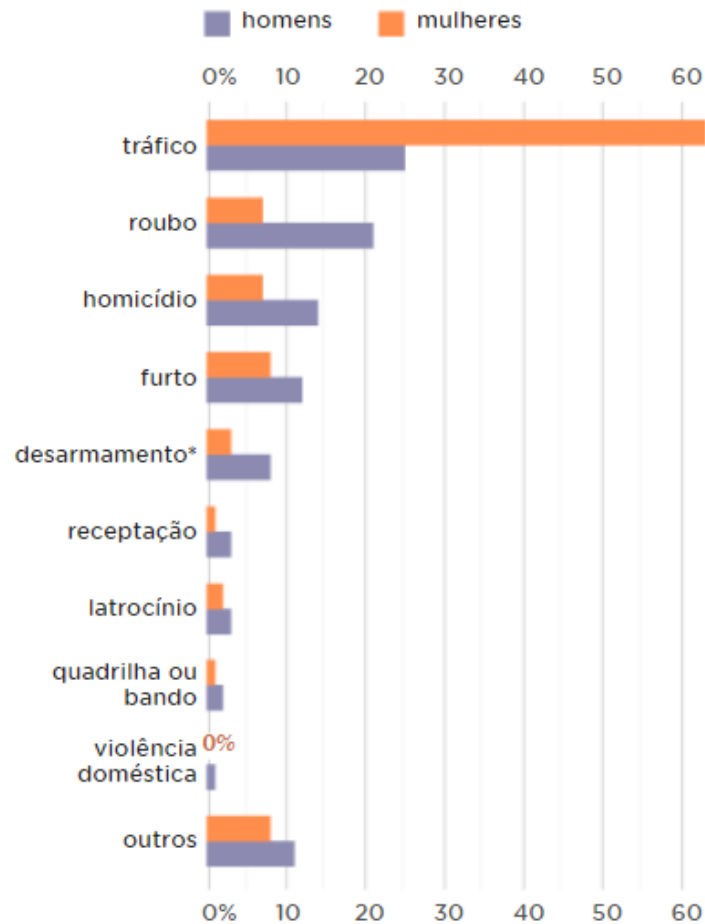
Fontes: Infópen 2016, Ipea e Conectas.

ALÉM DISSO, O ÚLTIMO LEVANTAMENTO NACIONAL SOBRE O SISTEMA PRISIONAL É DE 2016.



TEXTO IV

A proporção de tipos de crimes pelos quais os presos respondem é:



* desarmamento consiste em crimes relacionados à lei 10.826/2003 (Estatuto do Desarmamento), como posse ou comércio ilegal e tráfico internacional de armas de fogo, disparo irregular, entre outros.

Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/grafico/2017/01/18/Qual-o-perfil-da-popula%C3%A7%C3%A3o-carcer%C3%A1ria-brasileira>

Exercício

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em norma padrão da língua portuguesa sobre o tema **“O sistema prisional brasileiro e seus efeitos no século XXI”**, apresentando proposta de intervenção, que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

TEXTO I

Em 1989, a gravação de um vídeo sobre aids me levou à Casa de Detenção de São Paulo, o antigo Carandiru. Ao entrar no presídio, fui tomado por uma excitação infantil tão perturbadora que voltei duas semanas mais tarde para falar com o diretor. Nessa conversa acertamos que eu iniciaria um trabalho voluntário de atendimento médico e palestras educativas, tarefa que me permitiu penetrar fundo na vida do maior presídio da América Latina, experiência descrita no livro *Estação Carandiru*, adaptado para o cinema por Hector Babenco.

Fui médico voluntário na Detenção durante treze anos, até a implosão no final de 2002. No começo, encontrei muita dificuldade no relacionamento com os funcionários; não porque me tratassem mal, pelo contrário, eram gentis e atenciosos, mas desconfiados. (...)

A desconfiança tinha razões: alienígenas criam problemas nas cadeias, microambientes sociais regidos por um código de leis de tradição oral, complexo a ponto de prever todos os acontecimentos imagináveis sem necessidade de haver uma linha sequer por escrito. O novato é antes de tudo um ingênuo nesse universo em que a interpretação acurada dos fatos exige o olhar cauteloso de homens calejados.

Com o passar dos anos, fiz amigos entre eles, alguns dos quais se tornaram íntimos. Duas razões contribuíram para que me aceitassem como personagem do meio, ou “do Sistema”, como costumam referir-se aos funcionários do Sistema Penitenciário.

A primeira foi o exercício da medicina. Homens como eles ganham mal e dependem da assistência dos hospitais públicos. Perdi a conta de quantas consultas, de quantos conselhos sobre a saúde de familiares me foram pedidos e do número de internações e tratamentos que tentei conseguir — muitas vezes em vão.

A segunda foi por iniciativas menos nobres. A natureza do trabalho dos guardas de presídio pouco os diferencia da condição do prisioneiro, exceto o fato de que saem em liberdade no fim do dia, ocasião em que o bar é lenitivo irresistível para as agruras do expediente diário. (...)

Trecho de *“Carcereiros”*, de Drauzio Varella. Companhia das Letras: 2012.

TEXTO II

A desestruturação do sistema prisional traz à baila o descrédito da prevenção e da reabilitação do condenado. Nesse sentido, a sociedade brasileira encontra-se em momento de extrema perplexidade em face do paradoxo que é o atual sistema carcerário brasileiro, pois de um lado temos o acentuado avanço da violência, o clamor pelo recrudescimento de pena e, do outro lado, a superpopulação prisional e as nefastas mazelas carcerárias.

Vários fatores culminaram para que chegássemos a um precário sistema prisional. Entretanto, o abandono, a falta de investimento e o descaso do poder público ao longo dos anos vieram por agravar ainda mais o caos chamado sistema prisional brasileiro. Sendo assim, a prisão que outrora surgiu como um instrumento substitutivo da pena de morte, das torturas públicas e cruéis, atualmente não consegue efetivar o fim correccional da pena, passando a ser apenas uma escola de aperfeiçoamento do crime, além de ter como característica um ambiente degradante e pernicioso, acometido dos mais degenerados vícios, sendo impossível a ressocialização de qualquer ser humano.

Trecho disponível em: <http://revistavisaojuridica.uol.com.br/advogados-leis-jurisprudencia/59/artigo213019-5.asp>

TEXTO III

Pessoas feridas, celas superlotadas e uma alimentação precária. Essas são as principais lembranças que o padre Valdir João Silveira, coordenador nacional da Pastoral Carcerária, tem das três visitas que fez ao Complexo Penitenciário Anísio Jobim (Compaj), em Manaus.

Segundo a Secretaria da Segurança Pública do Amazonas, 56 pessoas morreram em um conflito entre membros de duas facções criminosas nesse presídio durante um motim que durou cerca de 17 horas. Uma inspeção feita pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ) em outubro de 2016 classificou a unidade como “péssima”.

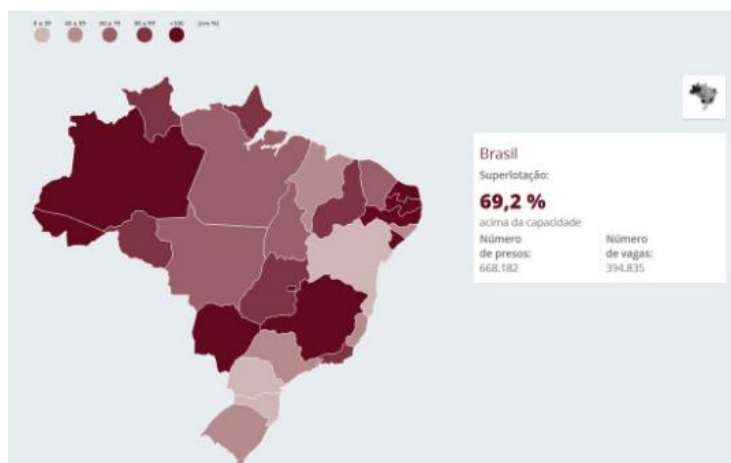
“Aquilo é uma fábrica de tortura, que produz violência e cria monstros. É um ambiente de tensão e barbárie constante”, afirmou o padre Valdir Silveira em entrevista à BBC Brasil.

De acordo com ele, durante as três visitas que fez ao local em 2015 encontrou pessoas com ferimentos e doentes. Mas, segundo o padre, os internos não fizeram nenhuma denúncia por medo de represálias e, desde então, só recebeu relatos de que a situação se agravou ainda mais na unidade.

Silveira afirma, porém, que encontrou situação semelhante em diversos presídios do país. “Você vê isso em todos os Estados. É uma bomba-relógio que pode explodir a qualquer momento no país inteiro. No presídio do Humaitá, também no Amazonas, a situação é ainda mais precária”, relata ele.

Trecho disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-38492771>

TEXTO IV



Redação Exemplar

O livro de Dráuzio Varella, “Estação Carandiru”, retrata a experiência do médico a partir da década de 90 na Casa de Detenção de São Paulo em que relata o que ouviu dos presos e, principalmente, o que presenciou durante os anos de trabalho voluntário: a superlotação e a má infraestrutura dos presídios. Mesmo que décadas tenham se passado, a situação do sistema prisional brasileiro continua precária no século XXI devido à estrutura insatisfatória e à ausência de medidas ressocializadoras eficazes.

Em primeiro lugar, cabe destacar a precariedade dos estabelecimentos prisionais. De acordo com uma pesquisa feita pela BBC Brasil, alguns problemas crônicos das prisões brasileiras são a superlotação e a saúde precária. Além de possuir a quarta maior população carcerária do mundo e não haver perspectiva de melhora devido às celas sobrecarregadas, há, consequentemente, maior proliferação de doenças devido ao ambiente insalubre ao qual estão expostos por causa das celas sujas e da falta de recursos mínimos de higiene. Assim, a máxima de Rousseau de que “o homem é produto do meio” justifica a alta taxa de reinserção no crime por causa das condições a que estão submetidos e da falta de ressocialização do detento.

Além disso, há poucas instituições que reintegram o preso na sociedade. A Lei de Execução Penal tem como um dos objetivos proporcionar condições para a integração social do condenado, entretanto, a reincidência penitenciária é um fator preocupante no Brasil visto que muitos saem das prisões sem opção para se sustentar e recorrem novamente ao crime como forma de vida. Assim, de acordo com o Conselho Nacional de Justiça, ressocializar um detento custa menos que mantê-lo em presídios e, por isso, é necessário integrá-lo a uma rotina de trabalho e educação durante o cumprimento da pena.

Assim, fica evidente que medidas são necessárias para diminuir a situação precária do sistema prisional brasileiro. Dessa forma, o Governo Federal, especificamente o Ministério da Justiça, deve ampliar a oferta de projetos de reintegração do detento na sociedade por meio de cursos que promovam o ensino profissionalizante, dentro dos presídios. Além disso, deve dispor de espaços em que eles possam trabalhar e colocar em prática os conhecimentos adquiridos nas aulas. Dessa forma, será possível comprovar a máxima do filósofo, porém, de maneira positiva.